



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
FACULDADE DE ARQUIVOLOGIA**

**ELIETH DAS CHAGAS SOARES**

**EXCLUSÃO DIGITAL DE GÊNERO NA ARQUIVÍSTICA:** a produção de  
um modelo de pesquisa que permita identificar o fenômeno

**BELÉM  
2017**

ELIETH DAS CHAGAS SOARES

**EXCLUSÃO DIGITAL DE GÊNERO NA ARQUIVÍSTICA:** a produção de  
um modelo de pesquisa que permita identificar o fenômeno

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Arquivologia da  
Universidade Federal do Pará, Instituto de  
Ciências Sociais Aplicada Faculdade de  
Arquivologia, como requisito para  
obtenção do grau de Bacharel em  
Arquivologia.

Orientador: Prof: Cristian Berrío Zapata.

**BELÉM**  
**2017**

## Ficha catalográfica

---

SOARES, Elieth das Chagas.

Exclusão digital de gênero na arquivística: a produção de um modelo de pesquisa que permita identificar o fenômeno/Elieth das Chagas Soares; Cristian Berrío Zapata: Orientador. – 2017.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de ciências sociais aplicadas, Faculdade de arquivologia, Belém, 2017.

1.Exclusão Digital. 2.Gênero. 3. Instrumento de Pesquisa. 4. Arquivologia UFPA. I. Zapata,Cristian Berrío. II. Universidade Federal do Pará. Faculdade de Arquivologia. III. Exclusão Digital de Gênero na Arquivística: a produção de um modelo de pesquisa que permita identificar o fenômeno.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por iluminar os meus passos nos momentos bons e ruins, por colocar tantos anjos em meu caminho e por todas as bênçãos concedidas durante a minha vida.

À meu orientador, Prof. Drº Cristian Berrío Zapata, pelo compartilhamento de conhecimentos pela sua compreensão e paciência durante todos os momentos em que acompanhou meus trabalhos.

Aos professores da comissão examinadora por aceitarem o convite para avaliarem este estudo.

À minha mãe pelo sacrifício e amor que me ajudou a chegar até aqui. A meu pai, as minhas irmãs, aos meus irmãos, e a minha cunhada Kátia Soares, pela paciência, compreensão e auxílio na minha caminhada.

Aos meus queridos amigos Adryelle Rocha, Amanda Nobre, Ingrid Pimentel, Leandro Melo, Raí Costa, Rodrigo Nunes e Tatyana Sousa, obrigada pelo auxílio nos momentos que mais precisei, nas dificuldades, nas vitórias, e por tudo que convivemos.

A todos os meus amigos de graduação que conheci, convivi, compartilhei histórias, fortaleci amizades e passei momentos maravilhosos durante o curso de Arquivologia.

A todos os professores e diretores que contribuíram de diversas formas durante a minha caminhada da graduação.

A Universidade Federal do Pará, por ser o seio de minha formação acadêmica.

“A educação de qualidade, o acesso e a participação plena e em condições de igualdade na ciência e na tecnologia para as mulheres de todas as idades são imprescindíveis para se conseguir a igualdade entre os gêneros e o empoderamento da mulher”.

ONU, 2011.

## RESUMO

A tecnologia da informação impulsiona a disseminação da informação e a capacidade de processamento de dados, porém acarreta o fortalecimento do modelo de identificação de gênero pré-existente na sociedade patriarcal ocidental. Este fenômeno tem sido nomeado como “Exclusão Digital de Gênero” (EDG), ou seja, a incapacidade ou impossibilidade das mulheres para dominar e tirar proveito da tecnologia da informação. O objetivo deste trabalho é fazer um breve estado da arte sobre a EDG e propor seleção de perguntas que permitam evidências dela, em um espaço formativo, no caso, a Faculdade de Arquivologia da UFPA (FAARQ). Para isso, devem-se analisar os fatores que indicam a presença da EDG segundo a literatura da área, com o alvo de criar um modelo de pesquisa que permita identificar o fenômeno. A construção servirá de base para uma prova piloto que tentará verificar possíveis diferenças no domínio da Tecnologia da Informação entre os discentes de Arquivologia, em função das suas características de gênero. Como metodologia se fez uma revisão bibliográfica de literatura com auxílio de descritores específicos, investigados em bancos de dados nacionais. Foram selecionados artigos sobre a exclusão digital de gênero pertinente à teorização sobre a EDG, e a os fatores que a caracterizam. Após a seleção do material, se fez um estado da arte sobre a EDG para identificar os fatores que podem revelar este fenômeno e assim, fundamentar um modelo de identificação da EDG. O resultado final da pesquisa faz uma proposta de fatores que poderiam fundamentar um modelo para detectar a EDG, contribuindo para o desenvolvimento de pesquisa sobre este tema na comunidade de Arquivologia e outros profissionais da informação. Próximo passo a seguir deve ser a complementação e implementação desta proposta em uma enquete piloto, a ser aplicada na população da Faculdade de Arquivologia, para verificar a existência e dimensão deste fenômeno na formação dos arquivistas.

**Palavras-Chave:** Exclusão digital. Gênero. Instrumento de pesquisa. Arquivologia UFPA.

## ABSTRACT

Information technology drives the dissemination of information and the capacity for data processing, but it entails the strengthening of the pre-existing model of gender identification in the western patriarchal society. This phenomenon has been named as "Digital Gender Exclusion" (DGE), that is, the inability or impossibility of women to master and take advantage of computer technology. The objective of this work is to make a brief state of the art about the DGE and to propose categories and questions that allow to identify evidences of it, in a formative space like that of Faculty of Archiving of the UFPA (FAARQ). For this, the factors that indicate the presence of DGE according to the literature of the area should be analyzed, with the aim of creating a research instrument that allows identifying the phenomenon. The construction will serve as the basis for a pilot test that will try to verify possible differences in the field of Information Technology among the students of Archiving, due to their gender characteristics. As a methodology, a literature review was done with the aid of specific descriptors, investigated in national databases. We selected articles on the digital gender exclusion pertinent to the theorization about DGE, and the factors that characterize it. After the selection of the material, a small state of the art on the EDG was made to identify the factors that can reveal this phenomenon and thus, to base an instrument of identification of the DGE. The final result of the research makes a proposal of factors that could base an instrument to detect the DGE, contributing to the development of research on this subject in the community of Archiving and other professionals of the information. Next step should be the complementation and implementation of this proposal in a pilot survey, to be applied in the population of the Faculty of Archiving, to verify the existence and dimension of this phenomenon in the training of archivists.

**Keywords:** Digital exclusion. Gender Research instrument. UFPA archivists.

## LISTA DE TABELAS

|  |    |
|--|----|
| Tabela 1: Tabela de conceitos básicos para identificar a EDG propostas por Castaño na sua pesquisa da Comunidade Europeia..... | 27 |
| Tabela 2: Tabela de categorias para identificar a EDG propostas por Castaño na sua pesquisa da Comunidade Europeia. ....       | 28 |
| Tabela 3: Exemplo de Tabela de resultados para identificar a EDG. ....   | 29 |
| Tabela 4: Estudantes aprovados para o curso de Arquivologia entre 2013 à 2017, discriminados por gênero. ....                  | 31 |

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO .....</b>                                 | <b>10</b> |
| <b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEORICA: A EXCLUSÃO DE GÊNERO.....</b> | <b>14</b> |
| 2.1 BREVE HISTÓRIA DA EXCLUSÃO DE GÊNERO.....              | 14        |
| 2.2 ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DE CONCEITOS DA EDG .....     | 18        |
| 2.3 EXCLUSÃO DIGITAL E DE GÊNERO NA AMÉRICA LATINA.....    | 21        |
| <b>3. DIMENSÕES DA EDG E INSTRUMENTO DE PESQUISA .....</b> | <b>22</b> |
| 3.1 PROPOSTA DE INSTRUMENTO DE PESQUISA.....               | 23        |
| <b>4. CONSIDERAÇÕES: A EDG NA ARQUIVOLOGIA.....</b>        | <b>29</b> |
| <b>5. CONCLUSÃO.....</b>                                   | <b>31</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                    | <b>33</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

Os avanços tecnológicos aplicados à informação são cada vez mais rápidos e massivos. As mudanças derivadas desses processos afetam o convívio do sujeito com o mundo, tornando-se uma exigência constante, que forçosamente obriga sua inserção nas rotinas básicas das pessoas. Quem não os domina fica em desvantagem, frente aqueles que conseguem se articular com estas mudanças.

Esta pesquisa nasceu em decorrência do trabalho realizado na disciplina Planejamento de Base de Dados, no curso de graduação em Arquivologia da UFPA, com o professor Cristian Berrío Zapata. Foram observadas tensões e dificuldades em alguns alunos, na sua maioria mulheres, no momento de criar as base de dados e trabalhar com a tecnologia da informação em geral. Posteriormente, no Grupo de Estudos Críticos sobre Ciência da Informação e Tecnologia (GECCIT), o professor Berrío Zapata propôs a integração desta pesquisa de TCC ao projeto que o GECCIT está desenvolvendo sobre Exclusão Digital de Gênero(EDG), despertando meu interesse por contribuir no estudo deste fenômeno nos estudantes de Arquivologia e profissionais da informação em geral.

A compreensão dos fatores que determinam a EDG se converte em chave para entender a situação real de acesso e aproveitamento das mulheres, a respeito das novas tecnologias. Também permite estabelecer ações positivas para colocar estas tecnologias ao alcance desta população. Portanto, estabelecer um diagnóstico rigoroso da situação de acesso e uso às novas tecnologias é o primeiro passo para sua democratização.

Além das diferenças no acesso, também existem diferenças na forma de homens e mulheres fazerem uso da internet. Têm mulheres que utilizam internet com conhecimento técnico profundo, e fazem uso avançado da rede e das suas aplicações, mas, seu número é pouco expressivo. Isto, no novo modelo social baseado na informação, conduz ao risco de provocar desequilíbrios: se o acesso à informação não é equitativo, se desenvolverá uma fratura social entre os gêneros nos anos por vir.

Não podemos ignorar que ainda hoje as relações entre os gêneros, que permeiam qualquer interação social, estão baseadas em desigualdades. Por isso se

torna relevante o estudo dos impactos sociais e culturais que os processos de informação trazem para as mulheres. As tecnologias de comunicação e informação (TIC) tiveram impacto em todo o globo, e transformaram a informação em um dos bens mais valorizados e procurados, tornando-se condição básica e crescente para o desenvolvimento econômico, político, social e cultural de todo e qualquer indivíduo, mas isso não é independente de características socioculturais associadas a sexo, idade ou nacionalidade.

Sem esforços constantes do Estado, do setor privado e da sociedade civil para garantir as oportunidades de acesso de apropriação da tecnologia em populações marginalizadas, é provável que as brechas sócio-digitais cresçam (BONDER, 2014). No caso da mulher, tipos de exclusões como o econômico e a infraestrutura juntamente com as características patriarcais ou até sexistas das sociedades, criando uma sobreposição de exclusões. Em países como Brasil, essa situação pode estar afetando os contingentes femininos que em número crescente, estão se formando nas universidades em disciplinas onde o uso das TIC é crítico.

A existência da EDG na América Latina e no Brasil, foi confirmada segundo as pesquisas de Rapkiewicz (1998), o que permite suspeitar que este fenômeno pode existir no espaço formativo da UFPA. Esta pode ser a situação da Graduação em Arquivologia, área que tem uma participação feminina cada vez maior, e nesse sentido identificar se ocorrem problemas na articulação dos seus formandos com as TIC. Este trabalho deseja aportar uma base conceitual para a pesquisa empírica, que permita pesquisar se a EDG está presente na formação das arquivistas da UFPA.

Deixar as mulheres para trás significa não somente desprezar as importantes contribuições que as mulheres trazem para a economia, mas também desperdiçar anos de investimento em educação de meninas e jovens mulheres (OECD, 2012a, p.2).

Diante desses questionamentos, o presente estudo bibliográfico teve como objetivo principal desenvolver a base conceitual para um modelo de pesquisa que evidencie a EDG, que possa gerar um instrumento aplicável ao espaço formativo da Faculdade de Arquivologia da UFPA.

Quanto aos objetivos específicos, foram revisão bibliográfica sobre a EDG para realizar um estado-da-arte; identificar trabalhos que pudessem fornecer grupos conceituais que permitissem a caracterização do fenômeno da EDG; fazer uma proposta conceitual de categorias e questões derivadas delas, como base para elaborar questionários que possam identificar a EDG.

A abordagem metodológica definida para esta pesquisa é de tipo bibliográfico desenvolvida por meio de recursos de biblioteca e também por meio do Google Acadêmico. A Pesquisa Bibliográfica constitui o procedimento básico para os estudos monográficos, pelos quais se busca o domínio do estado da arte sobre determinado tema (CERVO, BERVIAN & DA SILVA, 2007).

Durante a consulta foram utilizados os seguintes descritores: “Exclusão digital de gênero”, “exclusão digital”, “exclusão digital de gênero”, “gênero”, “exclusão”, “exclusão digital de gênero na Arquivística”, “exclusão universidades”.

Os critérios de seleção foram artigos e teses sobre a exclusão digital dentro do contexto de gênero. Após a seleção do material bibliográfico foram feitos resumos das literaturas investigadas visando à organização e análise das informações coletadas.

Este trabalho está organizado nos seguintes tópicos: .2.Antecedentes históricos da EDG – que irá explicar como a exclusão de gênero foi vista em algumas épocas da sociedade, e uma caracterização da pesquisa sobre EDG na América Latina; 3. O processo da definição das dimensões da EDG para o desenvolvimento de um possível instrumento – aponta o desenvolvimento exemplos de itens para cada uma das categorias com aspectos da EDG fundamentadas no trabalho de Castaño,2008; Gurumurthy 2013; Natansohn et al, 2011; Rapkiewicz ,1998; 4. Considerações a EDG na arquivologia – mostra as considerações da EDG para a arquivística,em vários aspectos; 5.Conclusões – sintetiza os fatores acerca da EDG ,as consequências das mesma e a forma como pode interferir na prática arquivística.

Com a realização da pesquisa buscamos fornecer uma base para compreender como a EDG contribui para favorecer lacunas no aprendizado referente às TIC, no discente de Arquivologia, revelados por situações culturais quanto ao aspecto de gênero, que podem criar barreiras na apropriação do domínio

tecnológico, e impedir até o mesmo exercício da profissão. Esperamos que este trabalho possa trazer contribuições para o debate que ora se introduz.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEORICA: A EXCLUSÃO DE GÊNERO**

O homem e a mulher buscam se adaptar às diversas situações tecnológicas impostas pelo mundo globalizado, em um contexto em que os gêneros definem identificações a respeito das capacidades que as pessoas possam ter, e as atividades que poderiam desenvolver, por exemplo, fala-se que as mulheres são mais delicadas e os homens mais fortes, preconceito que facilitou e facilita que as meninas definam sua vida encaminhando-a para atividades consideradas “delicadas”, e os meninos tendem a dominar aquelas profissões conceituadas como “fortes”. Refletir sobre esse fenômeno no mundo contemporâneo é tarefa necessária para despertar consciência sobre processos de exclusão que, baseados em uma identificação de funções, naturalizada mais não válida, estão construindo atribuições das atividades baseado no gênero e não nas capacidades do sujeito.

Esta divisão do ser e do fazer entre homens e mulheres são percebidas como normais, enraizadas na biologia, e geram profundas consequências psicológicas, de comportamento, e sociais. Desse jeito, é presumível que todas as estruturas sociais, valores, e ideologias da sociedade estejam contaminadas por essas diferenças (BERRÍO-ZAPATA, 2017). Por isso, a crítica feminista à estrutura patriarcal de ciência e as escolhas tecnológicas que excluem as mulheres, entre outros grupos dominados, tem gerado um campo frutífero de questionamento e novas abordagens.

### **2.1 BREVE HISTÓRIA DA EXCLUSÃO DE GÊNERO**

O termo gênero designa o conjunto de comportamentos e atitudes atribuídos às mulheres ou homens, e por extensão, suas práticas materiais e simbólicas, e objetos e representações sociais associadas (CARVALHO, 2007, p. 1). A Revolução Francesa foi um momento chave para dar fundamento às relações entre mulheres, saberes e instrução na cultura ocidental atual (MOREIRA *et al* 2010). E apresenta as reflexões de Rousseau que considerava que as diferenças de sexo deveriam nortear todos os comportamentos na sociedade:

“Pela lei da natureza as mulheres, para seu próprio bem e o bem de seus filhos, estão à mercê do julgamento dos homens. Mérito em si, não será suficiente, uma mulher deve ser julgada digna; nem pela beleza, ela deve ser admirada; nem pela sabedoria, ela deve ser respeitada. A sua honra não está apenas na conduta, mas em sua reputação, e não é possível que aquela que se deixa ver como desonrada, possa, algum dia ser boa. Quando um homem age certo, ele só depende de si e pode desafiar o julgamento público, mas quando uma mulher age certo, ela terá feito apenas a metade de sua obrigação, e o que os outros pensam dela não é menos importante do que ela na verdade é. Sendo assim, sua educação deve neste aspecto, ser o oposto da nossa” (ROUSSEAU, 1966, p. 475).

Rousseau reconhecia a desigualdade, mas justificava: “Essa desigualdade não é o fato de uma instituição humana ou ao menos ela não é o fruto de um preconceito, mas da razão: é ela [a mulher] que foi encarregada pela Natureza de procriar e ela deva responder dessa responsabilidade frente ao homem” (ROUSSEAU 1966, p. 470).

Em seu discurso, Rousseau respaldava a necessidade de restringir a mulher da educação para que a mesma não se tornasse em uma ameaça ao homem:

“Preferirei ainda cem vezes mais uma mulher simples e pouca instruída a uma mulher culta e pedante que viesse estabelecer em minha casa um tribunal de literatura do qual se faria a presidente. Uma mulher pedante é o flagelo do marido, dos filhos, dos criados, de todo mundo. Da sublima altura de seu gênio, ela desdenha todos os seus deveres de mulher” (ROUSSEAU, 1966, p.536).

A respeito das mulheres escritoras diz:

“Todas essas mulheres de grandes talentos só impressionam os imbecis. Sabemos sempre qual é o artista ou o amigo que segura a pena ou o pincel quando elas trabalham; sabemos qual é o discreto homem de letra que lhe dita em segredo. Todas essas charlatonas são indignas das mulheres honestas. Mesmo tendo verdadeiros talentos a sua pretensão os tornariam vis. A sua dignidade é de ser ignorada; a sua glória está na estima do seu marido: os seus prazeres estão na felicidade da sua família” (ROUSSEAU, 1966, p.536).

Estas afirmações não seriam tão graves se o intelectual francês Jean Jacques Rousseau não fosse um dos pais da era moderna, inspirador dos ideais republicanos com sua obra “O Contrato Social”, e um dos fundadores da educação do nosso tempo com a obra “Émile ou da Educação”.

Moreira *et al* (2010) cita Crampe-Casnabet e sua que referência a Claude Adrien Helvetius (1715-71),o qual afirmava que a condição da mulher, a desigualdade feminina e as diferenças de “natureza” que tantos filósofos salientaram, eram produto de uma educação viciada (CRAMPE-CASNABET, 1993).

Moreira *et al* (2010) afirma que Badinter (1986), no seu estudo sobre o Marquês de Condorcet (1743-94), corrobora que existiam ideias de igualdade em alguns autores da Revolução Francesa. Condorcet empenhou-se em mostrar a igualdade natural e política entre o homem e a mulher, dizendo que o talento feminino não se limitava à maternidade. A mulher poderia ter acesso a todas as posições, pois só a injustiça e não a natureza poderia proibir a mulher do acesso ao saber e ao poder. Estes debates do início da Era moderna permitem ver que a igualdade entre os gêneros, mesmo com tratamento excludente, foram elementos permanente na fundação da sociedade atual.

Durante os séculos XIX e XX a exclusão de gênero começou ser criticada, pois se fundamentada em preconceitos de incapacidade intelectual atribuída à mulher, e de superioridade atribuída ao homem, reflexo estereótipos de uma sociedade patriarcal, nunca comprovado cientificamente (BERRÍO - ZAPATA,2017)

A respeito da diferenciação que a sociedade atribui a homens e mulheres, Oliveira considera que:

O sexo identifica as diferenças biológicas e seu papel se resume na reprodução, sendo o gênero um conjunto de características e comportamentos que cada sociedade atribuiu a cada um dos sexos. Essa influência estende-se ao longo da vida, onde a sociedade reconhece sexo biológico (macho e fêmea) e dois gêneros sociais (feminino e masculino). Os estereótipos de gênero são algo que se tem profundamente interiorizado, recebidas de crenças familiares e sociais que definem masculinidade e feminilidade, normalmente anterior ao nascimento. São expectativas dos pais, de como ser e fazer na vida de meninos e meninas (OLIVEIRA 1998, TRADUÇÃO NOSSA).

Estudos feitos por Sartori (2006) sobre as mulheres exercendo as ciências exatas apontam à exclusão de gênero em vários momentos:

- Maria Mitchell (1818-1889) descobriu um cometa e se tornou a primeira acadêmica americana a ocupar durante dezenove anos um cargo de astrônoma profissional. No entanto, o seu salário era três vezes inferior ao dos homens.
- Sophie Germain (1776-1831), proibida por seus pais de frequentar a escola de ciências, aprendeu matemática sozinha e no início da sua carreira usou um pseudônimo masculino para se corresponder com outros matemáticos. Suas contribuições à Teoria dos Números, da Acústica e da Elasticidade são notáveis e, além disso, teve coragem de explorar áreas ainda não exploradas pela matemática. No entanto, no seu certificado de óbito, na rubrica da sua profissão, em vez de estar escrito “matemática”, está escrito “*rentière*” (denominação francesa para quem vive das suas rendas).
- Emilie du Châtelet (1706-1749), foi a primeira mulher física reconhecida pela comunidade científica que deixou vários tratados (BADINTER, 1986).
- Ada Byron (1815-1852) participou da elaboração da ciência que se tornou a informática e antecipou mais de um século a informática moderna (SCHWARTZ, 2006).
- Maric Mileva (1875-1948) primeira esposa de Albert Einstein, matemática e física, participou ativamente da elaboração da Teoria da Relatividade, mas só Einstein recebeu o prêmio Nobel. Einstein dizia dela “Sem ela, eu nunca teria começado minhas pesquisas e com certeza nunca as teria terminado”.
- Elisabeth Fulham (1760-1794) foi a primeira pesquisadora profissional em química que fez três descobertas primordiais: as reduções metálicas, a catálise e a foto redução: primeiro passo rumo a fotografia.

Na América latina os casos também são numerosos. No México, a antropóloga americana Zélia Nutall (1857-1923) e a antropóloga mexicana Isabel

Ramirez (1881-1943) foram marginalizadas pela comunidade científica e somente até hoje, suas pesquisas tiveram reconhecimento (MARTINEZ, 2006).

Carmen Portinho (1903-) foi a terceira mulher a se tornar engenheira no Brasil, e ainda no último ano do curso, começou a dar aulas no Colégio Dom Pedro II. O fato de uma mulher lecionar num colégio masculino foi considerado um escândalo, tanto que até o ministro da Justiça tentou interferir. Mesmo assim, ela ingressou em 1926 no quadro de engenheiros da Diretoria de Obras e Viação da prefeitura do distrito Federal Rio de Janeiro. Em 1930 fez o primeiro curso de urbanismo do país, recebeu uma bolsa do Conselho Britânico para estagiar na Inglaterra nas comissões de reconstrução e remodelação das cidades destruídas pela guerra. De volta ao Brasil, foi responsável pela introdução do conceito de habitação popular. Em 1962, pediu a aposentadoria do serviço público e, em 1966, criou a Escola Superior de Desenho Industrial, a qual dirigiu durante vinte anos (SCHUMAHER *et al.*,2000).

Desse jeito, pode-se considerar que o “gênero” é uma forma de dar significado as relações de poder, que fornece um meio de decodificar o significado das complexas conexões entre as várias formas de interação humana (SCOTT, 1999). A exclusão de gênero é uma força sutil e complexa de tratamento desigual decorrente de uma sociedade patriarcal onde os homens são portadores de valores e de sua transmissão, ficando por muito tempo o espaço da mulher reduzido ao âmbito doméstico, perdendo qualquer capacidade de decisão no domínio público, gerando ao longo de gerações dependência econômica e psicológica, mas a mulher passou por deslocamentos de posições e busca uma melhor noção de si e de seu lugar nos dias de hoje.

## **2.2 ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DE CONCEITOS DA EDG**

Frente à exclusão da mulher na educação e especificamente na tecnologia, a Conferência Mundial das Nações Unidas sobre a mulher, celebrada em Beijing em 1995, definiu os meios informáticos e as novas tecnologias (TIC) como um setor crucial para melhorar a igualdade, democracia e justiça social. A União Europeia por

sua vez, vinha alertando sobre o problema da baixa participação da mulher na sociedade da informação desde 1992 (RODRÍGUEZ, 2009)

Em Beijing, se percebeu a necessidade de desenvolver políticas e programas para que as mulheres, especialmente as mais jovens, se convertessem em um grupo com real potencial de conectividade às tecnologias, naquela época, novas tecnologias (MELO, 2000).

O conceito de Exclusão Digital de Gênero (EDG) parte da ideia de Exclusão Digital, que faz uma referência à diferença socioeconômica e cultural que existe entre comunidades que tem ou não acesso as tecnologias da informação e comunicação. Esse termo também inclui as diferenças que ocorrem entre grupos, segundo suas possibilidades para utilizar as TIC de forma eficaz, devido aos distintos níveis de alfabetização e capacidade tecnológica. Pensava-se que este estado seria superado com o tempo e com o crescimento econômico. O que se constata hoje é que existem diversos tipos de Exclusão Digital e que ela persiste, cresce e adquire novas formas (CARVETH, KRETCHMER, 2002).

Existem brechas<sup>1</sup> de acesso, de uso, de conteúdos e de habilidades tecnológicas. As desigualdades não se produzem unicamente no acesso aos equipamentos e a Internet (primeira brecha). Também existem desigualdades na produção da informação e conteúdo, na disponibilidade de conteúdos e na utilização benéfica delas (segunda brecha) CASTAÑO (2007).

Castaño, (2010) fala de três tipos de divisões ou brechas digitais. A primeira refere-se à capacidade de acesso às redes, mensurável quantitativamente através de estatísticas demográficas. A segunda brecha, mais complexa, se detecta investigando o uso que as pessoas fazem da tecnologia, o que demarcaria o grau real de incorporação efetiva à cultura digital. Uma terceira brecha está além dos usos, e se observa nas mulheres, na produção, o desenho e governança da tecnologia digital, na distribuição dos postos de comando definindo tecnologias digitais. A terceira brecha digital e o fenômeno que enquadra a EDG.

---

<sup>1</sup> No espanhol, a palavra “Brecha Digital” ter sido utilizada para significar o que no Brasil é nomeado como “Exclusão Digital”.

Na Espanha, lugar onde Castaño tem desenvolvido seu trabalho sobre EDG, a mulher tem uma baixa participação em tecnologia digital. É comum a tendência a considerar que as mulheres são afetadas pela “Exclusão digital” da mesma forma que os homens, sem levar em conta as especificidades englobadas em torno da EDG (CASTAÑO, 2003).

Bertomeu *et al* (2006) atribuí a existência da EDG a dois tipos de causas: uma relacionada com a posição da mulher no mercado de trabalho; e outra, baseada nas condições culturais próprias dos países ocidentais.

As diferentes disponibilidades de tempo livre de homens e mulheres também influenciam nas diferenças de acesso e uso da internet. As mulheres por haver assumido quase por inteiro o mantimento e o cuidado dos dependentes no lar, dispõem de menos tempo que os homens para investir no seu desenvolvimento pessoal e profissional (BERRÍO - ZAPATA, 2017).

A introdução das TIC tem se produzido em boa parte através do mercado de trabalho. Como as mulheres incorporaram de maneira tardia neste mercado e sofrem uma taxa desemprego maior, ficam afetadas por disfuncionalidades tecnológicas. Também a inserção laboral feminina ocorre em setores de pouca expressão tecnológica como a educação, saúde, e serviços sociais. Estas limitações em formação nas TIC levam a desvantagens na busca de emprego, tendo em conta que 60% das novas oportunidades de trabalho durante os cinco últimos anos na Europa, têm correspondido ao setor das TIC (RODRÍGUEZ, 2009).

Para Bourdieu (1999), as distinções de gênero são aspectos da vida social que se estruturam de forma simbólica e fazem parte de um complexo sistema de superioridade masculina, fortemente institucionalizado e internalizado, expressando-se na cultura, ideologia, ciência, violência, sexualidade, reprodução, divisão do trabalho, organização do estado e nas práticas discursivas.

A EDG engloba dimensões da vida que não podem ser entendidas unicamente através de métodos estatísticos. Compreender essas brechas supõe conhecer, interpretar e entender como o gênero opera sobre a construção da ciência e da tecnologia e como as hierarquias da diferença de gênero afetam o desenho, o desenvolvimento, a difusão e a utilização das tecnologias (WACJMAN, 2006; KELLER, 1991).

### 2.3 EXCLUSÃO DIGITAL E DE GÊNERO NA AMÉRICA LATINA

A pesar dos esforços contínuos a luta pela igualdade social, ainda existem muitos obstáculos no que se refere aos recursos tecnológicos, sua abrangência, é seu acesso restrito. O grande desafio segundo Araújo (2009) é o aprimoramento de o próprio ser humano, como um pré-requisito para que a tecnologia ou conhecimento técnico possa continuar a se desenvolver sem ameaçar a qualidade de vida do homem.

Segundo estudos feitos por Rapkiewicz, (1998) baseados em dados coletados em 1997 no Brasil, o distanciamento é amplo quanto à ocupação profissional de homens e mulheres com o computador: digitação é considerada uma área de domínio feminino enquanto operador, programador e analista de sistemas são de domínios masculinos. São múltiplos obstáculos e discriminações que impedem assegurar a equidade de gênero.

A formação universitária no Brasil fez diferença na inserção tecnológica na proporção de mão-de-obra de cada sexo. Na região sudeste, das pessoas com formação universitária na função de analista no setor serviços e na indústria, 68% e 69% respectivamente das mulheres têm diploma de nível superior contra 58% e 59% dos homens (RAPKIEWICZ,1998). Esta diferença mostra que a escolarização pode ser uma forma para as mulheres penetrarem em determinados domínios, como o tecnológico.

Apesar da participação cada vez maior das mulheres na esfera produtiva, o senso comum lhes atribui certa incompetência na área científica e tecnológica. Estes domínios, e em particular a tecnologia, são considerados coisa de homem.

As tecnologias da informação e comunicação (TIC) abrem oportunidades para o fortalecimento do papel das mulheres na sociedade e para a igualdade de gênero, mas na América Latina e no Caribe, as mulheres ainda não são iguais aos homens quando se trata da Sociedade da Informação e o Conhecimento.

Para efetivar políticas públicas de enfrentamento à EDG, a Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) propôs o incentivo a ações de formação e capacitação para o uso das TIC. CEPAL destaca que é preciso “incorporar a perspectiva de gênero nas políticas de acesso e uso às tecnologias da informação

como um eixo transversal, para que estas considerem as desigualdades e necessidades diferentes de mulheres e homens na sociedade da informação”. (MOREIRA *et al*, 2010)

A diminuição da posição racional tradicional masculina, junto com a descentralização da informação e das identidades, abre um leque de possibilidades para que a mulher possa construir suas próprias identidades, refletindo sobre sua heterogeneidade e mudança o conceito de gênero nas suas vidas (SAMPAIO; ARAGON, 2002,p.76).

A situação de exclusão de gênero que ocorria no passado, hoje se persiste como herança, determinando conceitos nas ações das mulheres e até mesmo no julgamento sofrido por elas diante do domínio tecnológico.

### **3. DIMENSÕES DA EDG E INSTRUMENTO DE PESQUISA**

A EDG impede ou facilita a participação em atividades de criação de competências tecnológicas e atividades de desenvolvimento técnico, baseada no sexo da pessoa. Não importa a capacidade demonstrada pelo sujeito, ou a inexistência de evidências que demonstrem a maior facilidade de um gênero para desenvolver atividades de tecnologia da informação. O sujeito é limitado e definido por seu gênero, não pela sua capacidade.

Alonso (2007) fala de uma “Fratura Tecnológica de Gênero” que se daria por uma combinação de variáveis:

1. Alfabetização, pois para acessar a rede é preciso saber ler e escrever;
2. A falta de capacitação em informática básica e domínio da língua inglesa predominante em nível global;
3. Os escassos recursos econômicos para pagar o acesso;
4. A existência de conteúdos úteis às mulheres;
5. A inserção de poucas mulheres nos contextos de desenvolvimento da ciência e da tecnologia.

As mulheres participam muito pouco nas decisões de infraestrutura física e lógica das redes digitais em todo o mundo. Nos ministérios e secretarias políticas do governo dos países existem poucas mulheres, assim como são minoria as engenheiras de computação, empreendedoras da área das TIC, programadoras,

desenvolvedoras de softwares e administradoras de sistemas. A diferença digital de gênero é global (ALONSO, 2007).

O desenvolvimento das tecnologias não escapa às relações de poder que produzem desigualdades e contradições nas dinâmicas de acesso, uso, desenho e produção das TIC entre homens mulheres, brancos, negros, pobres e ricos. Por isso, se fala de uma “Brecha Digital de Gênero” (CASTAÑO, 2008; ALONSO, 2007; WACJMAN, 2006), que não se refere somente às dificuldades de acesso à rede, mas também, aos obstáculos que as mulheres enfrentam para apropriarem-se da cultura tecnológica, devido à hegemonia masculina nas áreas estratégicas de formação, pesquisa e no emprego das TIC.

Este trabalho procura reunir as dimensões mais relevantes que poderiam identificar casos de EDG, para poder construir um instrumento de pesquisa que impulse a pesquisa empírica sobre este tema no Brasil. Com este alvo norteando o trabalho, cabe perguntar quais podem ser os fatores que permitem identificar a EDG?

### **3.1 PROPOSTAS DE MODELO DE PESQUISA**

Esta proposta está composta de questões que poderão servir como modelo para identificar elementos da EDG. Cada grupo de perguntas está associado como um fator da EDG definido pelos autores consultados, neste caso CASTAÑO,2008; GURUMURTHY 2013; NATANSOHN *et al*, 2011; RAPKIEWICZ ,1998.

A informação aqui representada oferece dados básicos sobre o acesso e uso de computador e internet para possíveis análise de diferenças sociais, de uso tecnológicos e disparidades de gênero, analisando a situação da incorporação das tecnologias numa perspectiva de gênero e possíveis diferenças de alcance tecnológico sobre o trabalho das mulheres. Composto por grupos de perguntas e variáveis a serem exploradas para medir a apropriação da cultura digital por parte de gênero .

**1. A pergunta inicial seria, por exemplo, “que idade tem homens e mulheres que se conectam a internet?”. Depois o sexo?**

Para conhecer o perfil das usuárias e usuários, para saber a composição por idades de cada sexo e determinar depois, a porcentagem que representa cada grupo de idade. (CASTAÑO *et al* ,2010)

## **2. Qual sua composição demográfica, formação, condições laborais, etc...?**

Pois estas variáveis poderiam estar influenciadas por outras causas como estrutura sócio- econômicas e até biológica, comparando assim homens e mulheres em matéria de uso de novas tecnologias conhecendo assim de maneira mais eficaz a realidade das desigualdades de gênero. (CASTAÑO *et al* ,2010)

E a variável sobre o uso do computador e da internet como se dará a seguir:

## **3. Com relação a internet por quanto tempo você consegue ficar sem utilizá-la? E Quantas vezes utiliza internet por semana?**

Estes usuários plenamente conscientes da importância das novas tecnologias e seu impacto na sociedade. Relatam que tudo o que fazem passa pela internet, foram se adaptando, e não podem viver sem internet, mesmo de férias levam o portátil para se manterem conectados ,por questões de trabalho e também porque querem manter contato com o mundo. Entre os mais jovens não existe unanimidade, para uma minoria a internet é como uma droga, para onde se move estão conectados com a internet. Outros decidem, utilizá-la de maneira consciente e racional, controlando seu uso(só para o trabalho ou estudos) e não dependem tanto da internet. Os homens fazem com maior frequência e intensidade uso da internet as mulheres encontram maiores dificuldades que os homens para incorporação efetiva da internet, mais que quantidade de número de horas de uso da internet é necessário explorar a qualidade de uso ,importante considerar que até pouco tempo o crescimento da internet era dominado pelas forças de mercado, mais interessadas em oferecer conteúdo e serviços de consumo, do que atender as necessidades reais e cotidianas dos usuários( CASTAÑO *et al* ,2010).

## **4. Qual tipo de tecnologia da informação você usa no cotidiano**

Os usos que realizam são organizados de acordo com as várias categorias como informação, formação e educação, emprego, administração e gestão, lazer e entretenimento (música, jogos, páginas de receitas culinárias, etc.), comércio eletrônico e comunicação. (CASTAÑO *et al* ,2010) .

**5. Por quanto tempo você consegue ficar sem usar computador? E Quantas vezes utiliza computador por semana?**

As diferenças de uso estão relacionadas com fatores como idade, nível educativo, situações laborais, e reforçadas pelo nível de habilidades informáticas entre outros. (CASTAÑO *et al*, 2010)

**6. Qual é sua habilidade quanto ao uso da tecnologia celular?**

Segundo RAPKIEWICZ (1998), pesquisa feita na França, por exemplo, indica que somente 36% das mulheres se sentem compelidas a adquirir um produto pelo fato dele comportar uma inovação tecnológica, contra 51,6% dos homens. Portanto, a inovação tecnológica seduziria mais aos homens, enquanto as mulheres acabam por reproduzir em seus hábitos de consumo a divisão sexual das técnicas.

**7. Você tem preferências na utilização da tecnologia da informação? Quais?**

*Castaño et al* (2010) afirma que a atividade mais comum na Internet, enquanto instrumento de informação e entretenimento, é a busca de informação sobre bens e serviços. Ali tem pouca diferença entre mulheres e homens, sendo do domínio masculino aqueles serviços on-line com maior conteúdo de entretenimento (Jogos, música ou notícias), enquanto as mulheres tendem a escolher sites de conteúdos práticos, como aqueles relacionados a saúde. A tendência masculina é de navegar com fins recreativos, de consumo ou lazer.

**8. Consegue interferir e gerar soluções a respeito das questões de tecnológica da informação? Em sua opinião o que gostaria que mudasse?**

Mesmo que o número de mulheres usando a internet tenha crescido sensivelmente, o número delas decidindo e controlando a Rede é bem menor. O número de mulheres como engenheiras da computação, editoras de conteúdo, e empreendedoras de TIC ainda é muito pequeno. As mulheres não partilham de igual a igual com os homens no que se refere ao acesso à cultura digital. A questão é como estas mulheres estão usando a rede? Neste sentido, as primeiras ciber-feministas questionaram a internet como um novo mercado para comprar, que impõe conceitos tradicionais de beleza e mantém o sistema (NATANSOHN ET AL, 2011).

**9. Você já utilizou ou utiliza tecnologia da informação no seu trabalho?**

Para Castaño et al (2010), ao analisar o mercado de trabalho da informática, percebe-se que as desvantagens acumuladas ao longo do processo de socialização produzem diferenças que são reproduzidas e acentuadas neste mercado de trabalho. Porém, a informática representa uma oportunidade de inserção da mão-de-obra feminina no domínio tecnológico. (RAPKIEWICZ,1998).

#### **10. Você tem habilidade com a internet?**

Embora a Internet pareça estar disponível a todos, é necessário ter habilidades como ler e escrever, e em muitos casos, entender outras línguas. Requer-se habilidade para encontrar a informação, processá-la e usá-la para alcançar certos objetivos. Caso contrário, Internet torna-se um agente de consumo passivo de música, filmes ou séries de TV. Todas essas utilizações são importantes, mas não contribuem substancialmente para a geração de capital humano, social e competitivo (CASTAÑO et al ,2010).

#### **11. Quanto ao uso e envio de correio eletrônico (e-mail), recebe ou envia mais?**

Leva-se em conta que as atividades preferidas por usuários de ambos os sexos são a busca de informações e utilização de correio eletrônico. Nesse aspecto as diferenças entre homens e mulheres são muito pequenas (CASTAÑO ET AL (2010).

#### **12. Qual sua experiência na utilização das TIC e a que você atribui sua experiência com a internet?**

As experiências vividas por homens e mulheres diferem em vários aspectos de suas vidas privadas ou profissionais. No entanto, as experiências com inovações tecnológicas não parecem ser muito distintas. Desde cedo, os homens são incentivados a usar, 'brincar de' e pensar em máquinas e ferramentas, absorvendo como ideal "uma visão de um mundo tecnológico". Essa visão enfatiza "objetividade, racionalidade, controle sobre a natureza e distância das emoções humanas". Contudo, para as mulheres não se espera conhecimentos técnicos, mas uma 'natureza' para estabelecer "relações interpessoais", na lida com pessoas e com emoções. Que sejam "menos racionais, incapazes de abstrair, e que tenham um pensamento 'subjetivo'. As mulheres optam por se adaptar para não ser excluídas da tecnologia (TEIXEIRA,2010).

### 13. Busca informação sobre tema de saúde na internet

Consultas sobre questões de saúde é o único tipo de uso em que o sexo feminino predomina, e ocorre com especial intensidade em mulheres entre 16 e 44 anos. A tendência masculina para navegação dá-se para fins recreativos (consumo / lazer), enquanto que entre mulheres há uma tendência mais pronunciada para a utilização da Internet para benefício do lar (CASTAÑO et al ,2010).

Rapkiewicz (1998) procura a partir de dados do mercado de trabalho formal brasileiro de 1986 a 1997, verificar como a divisão do trabalho entre os gêneros tem variado nas diferentes profissões e ocupações da área de informática, no caso da informática a passagem dos computadores de grande porte para a microinformática significou uma oportunidade de inserção da mão-de-obra feminina tanto no uso quanto na concepção de sistemas informatizados e que a inserção feminina neste domínio é a da escolaridade, e não a da experiência.

**TABELA 1** - Definição de conceitos básicos para identificar a EDG proposta por Castaño na sua pesquisa da Comunidade Europeia.

| Conceito              | Definição                                |
|-----------------------|--|
| Info- habilidades     | Habilidades informáticas                 |
| E- experiência        | Habilidades no uso à internet            |
| E- habilidade         | Habilidades relativas à internet         |
| E - intensidade       | Intensidade de uso de internet           |
| E - informação /lazer | Serviço de informação/lazer online       |
| E - comércio          | Compra e venda de bens e serviços online |
| E - banco             | Serviços financeiros online              |

**FONTE:** Castaño, C., Martín, J., Vázquez, S. Y Añino, S. (2007)

Natansohn (2013), estamos assistindo a uma lenta, mas constante, tomada de consciência sobre a necessidade de usar os recursos organizacionais da rede e adquirir competências tecnológicas. Há uma grande quantidade de sites e recursos web de organizações pelos direitos das mulheres e outras minorias. Contudo, são poucos os projetos orientados às tecnologias digitais com enfoque de gênero e, como vimos, esta neutralidade não faz senão discriminar minorias que não se integram espontaneamente ao mundo digital.

**TABELA 2** - Conceitos e variáveis, categorias para identificar a EDG proposta por Castaño na sua pesquisa da Comunidade Européia

| Conceito             | Definição  | Variáveis   | Valores     |
|----------------------|--|---|-------------|
| E- experiência       | Experiência no uso de Internet                               | Desde quando usa Internet   | 1<br>a<br>4 |
| Info-<br>habilidades | Habilidades informáticas                                     | Tipo de tarefas relacionadas<br>conhecimento em computador realizadas                                       | 1<br>a<br>3 |
| E-habilidades        | Habilidades relativas à Internet                             | Tipo de tarefas relacionadas<br>conhecimento na Internet realizadas   | 1<br>a<br>6 |
| E-intensidade        | Intensidade de uso de Internet                               | - Última utilização de Internet<br>- Frequência de uso de Internet<br>- Tempo aproximado de uso de Internet | 1<br>a<br>4 |
| E-<br>comunicação    | Diversidade de serviços de<br>comunicação utilizados         | Número de serviços utilizados   | 1<br>a<br>4 |
| E-<br>inform./lazer  | Diversidade de serviços de<br>informação ou lazer utilizados | Número de serviços utilizados   | 1<br>a<br>4 |
| E-comércio           | Intensidade de uso de comércio<br>on line                    | - última utilização<br>- Número de produtos adquiridos  | 1<br>a<br>4 |

**FONTE:** Castaño, C., Martín, J., Vázquez, S. Y Añino, S. (2007)

Ressalta ainda que se hoje o senso comum considera, em certa medida, o domínio tecnológico como sendo masculino, o constante aumento da participação feminina em certas profissões demonstra que a origem do problema não é natural.

As diferenças entre os sexos são construídas em diferentes esferas como a família, a escola e o mercado de trabalho.

TABELA 3 - Resumo dos resultados para identificar a exclusão digital de gênero

| Conceitos               |          |        |       |
|-------------------------|----------|--------|-------|
|                         | Mulheres | Homens | M/H % |
| <b>Info-habilidades</b> |          |        |       |
| <b>E- experiência</b>   |          |        |       |
| <b>E-habilidades</b>    |          |        |       |
| <b>E-intensidade</b>    |          |        |       |
| <b>E-comunicação</b>    |          |        |       |
| <b>E-inform./lazer</b>  |          |        |       |
| <b>E-comércio</b>       |          |        |       |

FONTE: Castaño, C., Martín, J., Vázquez, S. Y Añino, S. (2007)

#### 4. CONSIDERAÇÕES: A EDG na arquivologia

A evolução das tecnologias utilizadas em ambientes informacionais deve ser acompanhada e entendida pelos profissionais da informação, sob pena de não conseguirem atuar no desenvolvimento das soluções informacionais necessárias ao ambiente onde atuam. Neste cenário, o profissional arquivista, em particular, deverá estar habilitado a exercer as diversas atividades de produção documental/informacional, a utilização e destinação de documentos, a gestão da informação, a preservação e a disseminação da informação arquivística. Uma significativa parcela dos documentos da sociedade atual está na forma digital. Familiaridade com trabalho em rede, sistemas de telecomunicações, hardware e software é fundamental para empreender atividades arquivísticas em diversas instituições (SODRE,2014).

Estudiosas feministas, como Gerda Lerner em seus trabalhos pioneiros, demonstraram convincentemente que o poder por trás dos primeiros documentos, arquivos e memórias foi impiedosa e intencionalmente patriarcal: as mulheres foram deslegitimadas pelo processo de arquivamento no mundo antigo, um processo que continuou até este século (COOK,2012). Não existem pesquisas na literatura da área que investiguem a temática da EDG associando a arquivística. Verifica-se também que as pesquisas geralmente visam ao letramento e outras ênfases relacionadas ao digital na arquivística sem, contudo, relacionar com gênero, por exemplo, o letramento digital: um novo desafio acadêmico para o arquivista; letramento digital: instrumento imprescindível para a arquivologia; patrimônio digital e informação: política, cultura e diversidade; o estatuto documental da fotografia na era digital; a metamorfose dos instrumentos arquivísticos de referência na era digital, entre outros.

As questões da EDG na arquivística são relevantes pelo expressivo número de mulheres que está ingressando neste curso. Até onde vão sofrer as regras de gênero na convivência com seus pares e no campo pedagógico da disciplina? O que lhes reservará as regras de gênero na convivência com seus pares no campo profissional, sob a interferência da lógica de gênero que afeta desde a distribuição entre postos e turnos de trabalho até as formas de ascensão e remuneração?

A internet impulsiona a consolidação da globalização dirigida pelo mercado e por isso, incide diretamente na pobreza; redefine as relações entre trabalho e capital; fortalece a expansão de capital e dos mercados mundiais dentro do contexto em que aumentam a marginalização e o empobrecimento dos pequenos produtores; impulsiona o controle dos cartéis globais que se dedicam ao comércio sexual, onde compete diretamente nossa luta contra o tráfico. Em consequência o virtual não é só um sítio de luta ou um sistema de discriminação, mas, trata-se de um território que fortalece a ideologia de exploração: opondo-se a gente pobre, a raças, e infundindo o patriarcado. Neste sentido o virtual é muito mais real do que pensamos e sabemos. Além, a medição quantitativa da exclusão digital não capta adequadamente estes aspectos estruturais. (GURUMURTHY,2013)

TABELA 4 - Aprovada nos processos seletivos em arquivologia UFPA entre 2012 a 2016.

| ANO   | HOMEM | MULHER |
|-------|-------|--------|
| 2012  | 19    | 21     |
| 2013  | 13    | 27     |
| 2014  | 12    | 20     |
| 2015  | 19    | 13     |
| 2016  | 13    | 19     |
| Total | 76    | 100    |

Fonte: Portal CEPS UFPA

Segundo Araújo (2009), existe um percurso oculto que contribui à perpetuação de relações e vínculos de recompensa e desempenho desigual na sociedade patriarcal, e a sua divisão de trabalho entre homens e mulheres. Esta divisão deve ser analisada criticamente, entendida e transformada.

## 5. CONCLUSÃO

De acordo com as literaturas analisadas, os estereótipos que sustentam os papéis sociais e profissionais dos indivíduos são moldados desde a infância no seio da família. As concepções dos autores são unânimes em afirmar que a EDG acarreta dificuldades para o desenvolvimento tecnológico, social, e econômico das mulheres. Através deste trabalho se apresentou um estado da arte sobre a exclusão digital de gênero, focando em fatores que poderiam visibilizar o problema dentro de uma comunidade profissional em formação na área da gestão da informação, como é a Faculdade de Arquivologia da UFPA.

A EDG é caracterizada pelas distintas formas de construir e legitimar parcelas de conhecimento. Os principais fatores de exclusão são a capacidade econômica, disponibilidade de tempo, conhecimento, habilidades, experiência, bagagem cultural e linguística, agenciando uma divisão social e educacional que vem causando desequilíbrios no acesso, no uso, na produção, no desenho e na governança da tecnologia digital (CASTAÑO, 2010).

A introdução da informática tem surpreendido as mulheres nos postos de trabalho e nas suas obrigações paralelas gerando diversas adaptações às novas tecnologias. As mulheres que tem vivido a transição da TI e seu impacto fazem esforços para integrá-la em seu dia a dia. Mas, ao analisar seu perfil de conhecimento, habilidades informáticas e navegação, o predominante é a usuária de conhecimento básico. Uso de ferramentas elementares e determinados programas que necessitam para o trabalho, sem interesse ou possibilidades de desenvolver habilidades avançadas. Ao dedicar-se às responsabilidades familiares as mulheres dispõem de menos tempo para descobrir o ciberespaço e adquirir competências tecnológicas. No entanto, consideram a internet uma ferramenta que enriquece sua experiência cotidiana. Mas, além da questão de igualdade de oportunidades, a questão é como o mundo em que vivemos é moldado, e para quem. Vivemos em uma cultura tecnológica, uma sociedade que é mobilizada pela ciência e tecnologia, e assim, as políticas da formação tecnológica são parte integrante da renegociação das relações de poder de gênero (ARAÚJO,2009).

O processo pelos quais a tecnologia é desenvolvida e usada, bem como aquelas pelos quais o gênero é constituído, são fatores sociais que devem ser examinados, especialmente a forma como a tecnologia dita divisões de gênero e desigualdades. O problema além do monopólio tecnológico é a forma como o gênero é incorporado na própria tecnologia. Os interesses, necessidades e estilos de uso tecnológico das mulheres são diferentes, portanto, as mulheres não podem ser bem servidas por um regime tecnológico machista. E necessário desconstruir o fenômeno para encontrar as vias de criar comunidades femininas organizadas com a capacidade de servir e defender as necessidades femininas dentro do setor das TIC, e especialmente dentro das disciplinas dedicadas a trabalhar com informação, como é o caso da Arquivologia.

Esta pesquisa só fez uma proposta conceitual de indicadores sobre a presença de elementos de EDG. É necessário discutir esta proposta e criar um formulário de aplicação na população estudantil da Faculdade de Arquivologia, para iniciar os pilotos de pesquisa. O instrumento, uma vez validado estatisticamente, poderá vir a ser um instrumento útil para identificar problemas de EDG na educação superior do Brasil.

## REFERÊNCIAS

ALONSO, Ana **Polo. La comunicación como arma do desarrollo?** una mirada desde el punto de vista de las mujeres. in: marcesse, silvia chocarro (coord.) nosotras en el país de las comunicaciones. mirada de mujeres. barcelona: icaria editorial/acsurilas segovias, 2007. p. 161-175.

ANDRADE, Ricardo S. Tecnologia, Memória e a formação do profissional arquivista. **Revista Arquivista.net**. Rio de Janeiro, v.2,n.1,jan/jun.2006,p.149-159.

ARAÚJO, Leila, BAREETO; Andreia; PEREIRA, Maria Elizabete (org.). **Gênero e Diversidade na Escola: Formação de professoras/es em gênero, sexualidade, orientações 15 sexuais e relações étnico-raciais.** Disponível em: [<http://www.sepm.gov.br/publicacoesteste/publicacoes/2007/gde-2007.pdf>]

BADINTER, (1986) **Um é o outro. Relações entre homem e mulher.** Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira.

BERRÍO-ZAPATA, C. 2017. **Tecnologia da Informação, Discurso e Poder: Análise de Domínio a partir do conceito de Exclusão Digital na perspectiva da Teoria Centro-Periferia.** PhD, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho UNESP.

BERTOMEU, Angustias; Castaño, Cecilia; Sallé, M<sup>a</sup> Ángeles. **Igualdad en la sociedad de la información.** Una sociedad de la información para la Igualdad. 2006.

BONDER, Gloria. **Mujeres en ruta hacia la Sociedad del Conocimiento: reflexiones sobre contextos y oportunidades.** Cátedra Regional UNESCO Mujer, Ciencia y Tecnología en América Latina, noviembre 2014.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CARVALHO, Maria Eulina P. **Uma agenda de pesquisa, formação humana e docente em gênero e educação.** Maceió, EPENN, 2007

CASTAÑO, Cecilia et alii. **Quiero ser informatic@.** Barcelona: UOC Ediciones, 2011.

CASTAÑO, Cecilia. **Las mujeres y las tecnologías de la información**. Internet y la trama de nuestra vida. Madrid: Alianza Editorial, 2005.

CASTAÑO COLLADO, C. (dir.) **La segunda brecha digital**. Editorial Cátedra: Madrid, 2008.

CASTAÑO, Cecilia. **Género y TIC. Presencia, Posición y Políticas**. Barcelona: UOC Ediciones, 2010.

CASTAÑO, Cecilia; Martín, Juan; Vázquez, Susana; Añino, Sara. **Observatorio e-igualdad, informe final**. Universidad Complutense de Madrid, 2007.

CARVETH, R. & KRETCHMER, S. B. Year. **The digital divide in Western Europe: problems and prospects**. In: InSITE - "Where Parallels Intersect", 11-11-2015 2002a Cork, Ireland. Informing Science.

CRAMPE-CASNABET. Michele. **A mulher no pensamento do século XVIII**. In DUBY, G., PERROT, M. História das mulheres: Do renascimento a Idade Moderna. – volume 3. Porto: Afrontamento, 1993. p. 369-407

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

COOK, Terry. Arquivologia e Pós-modernismo: novas formulações para velhos conceitos. **Revista Informação Arquivística**, Rio de Janeiro. v. 1, n. 1, p. 123-148, jul./dez. 2012.

IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de indicadores de 2011**. Disponível em IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de indicadores de 2013.

OECD. Education at glance 2012: OECD Indicators, 2012b. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1787/eag-2012-en>> Acesso em: 4 fev. 2017.

OLIVEIRA, Mercedes. **La educación sentimental: una propuesta para adolescentes**. Barcelona: Icaria, 1998. p. 67. Tradução livre do autor.

MARTINEZ RUIZ, E. Zélia Nutall e Isabel Ramirez: **las distintas formas de practicar y escribir sobre arqueología e el México de inicios del siglo XX**. Cad. Pagu [on line] n. 27 p.255-278. Campinas jul. dez. 2006.

MELO, Jacira. **A mulher e os meios de comunicação**. Relatório.2000. Instituto Patrícia Galvão. Disponível em <http://www.patriciagalvao.org.br> Acesso em 1 de fev. de 2017.

MOREIRA ET AL, **Mulheres Pioneiras nas Ciências: Histórias de Conquistas numa Cultura de Exclusão**,2010

NATANSOHN, L. Graciela (Org.). **Internet em código feminino**. Teorias e práticas. E-book. Ed. em português revista e ampliada. 1. ed. Buenos Aires: La Crujía,2013.

PLANT, **Sadie. Ceros + Unos**. Barcelona: Destino, 1998

RAPKIEWICZ, Clevi Elena. **Informática: domínio masculino?** In: Cadernos Pagu, n 10, Campinas: Unicamp, 1998, pp.169-200. Disponível em <http://www.pagu.unicamp.br/node/56> Acesso em 1 de fev de 2017

RODRÍGUEZ, Amelia. **¿Qué es la brecha digital de género?** Disponível em: <[file:///F:/%C2%BFQu%C3%A9%20es%20la%20brecha%20digital%20de%20g%C3%A9nero\\_%20\\_%20Salud,%20comunicaci%C3%B3n%20y%20g%C3%A9nero.html](file:///F:/%C2%BFQu%C3%A9%20es%20la%20brecha%20digital%20de%20g%C3%A9nero_%20_%20Salud,%20comunicaci%C3%B3n%20y%20g%C3%A9nero.html)>. Acesso em: 2 jan 2017

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Emile ou de l'éducation*. Paris : Garnier-Flammarion, 1966.

SARTORI, Eric. **Histoire des femmes scientifiques de l'Antiquite au XX siecle**. Paris : Plon,2006.

SCHWARTZ, Juliana et al . **Mulheres na informática: quais foram as pioneiras?**. Cad. Pagu, Campinas, n. 27, dez. 2006 .

SCHUMAHER, Shuma, BRAZIL, Erico, V. (orgs.). **Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até atualidade**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 2000.

SCOTT, Joan W. Experiência. In: SILVA, Alcione da. *et alli. Falas de Gênero*. Florianópolis, Ed Mulheres, 1999, pp.21-55.

TEIXEIRA, Adla Betsaida Martins. Apropriação de Inovações Tecnológicas no Trabalho Docente, 2010

WAJCMAN, Judy. **Feminist theories of technology**. In: Cambridge Journal of Economics Advance Access, 2009. Disponível em [http://wiki.medialab-prado.es/images/4/4b/Wajcman\\_Feminist\\_theories\\_of\\_technology.pdf](http://wiki.medialab-prado.es/images/4/4b/Wajcman_Feminist_theories_of_technology.pdf) Acesso em 13 de jan de 2017.